

## CAPÍTULO 1

---

*Varsóvia*  
*2 de agosto de 1941*

Piotr Bruck tremia de frio enquanto esperava com vinte e tantos outros meninos pelados no corredor comprido e cheio de correntes de ar. Carregava suas roupas em uma trouxa amarfanhada e suja, abraçando-a contra o peito para tentar se aquecer. O dia de fim de verão estava encoberto, e chovia desde o amanhecer. Ele podia ver o arrepio no ombro esquelético do garoto à sua frente. Esse menino também estava tremendo, talvez de frio, talvez de medo. Havia dois homens de jaleco branco engomado sentados a uma mesa no começo da fila. Eles faziam um exame apressado em cada menino com instrumentos de aparência estranha. Alguns garotos eram mandados para a sala à esquerda da mesa. Outros eram rapidamente dispensados para a sala da direita.

Mandaram Piotr e os outros meninos fazer silêncio e não olhar para os lados. Ele se esforçou para fixar seus olhos diretamente à sua frente. O medo de Piotr era tão grande que ele quase se sentia desligado do corpo. Cada movimento que fazia parecia forçado, não natural. A única coisa que o mantinha no aqui e agora era a dor desesperada na bexiga. Piotr sabia que não adiantava pedir permissão para ir ao banheiro. Quando os soldados chegaram ao orfanato para arrancar os meninos de suas camas e jogá-los numa caminhonete que os aguardava, ele pediu para ir, mas recebeu um forte tapa na orelha por falar sem permissão.

Os soldados foram ao orfanato pela primeira vez duas semanas antes. Depois disso, voltaram várias vezes. Em umas, levavam meninos, noutras, meninas. Alguns dos garotos do dormitório de Piotr ficaram satisfeitos ao vê-los partir.

– Vai sobrar mais comida para a gente, mais espaço também, qual o problema? – disse um.

Apenas algumas crianças voltavam. Aqueles dispostos a contar o que tinha acontecido murmuravam algo sobre ser fotografados e medidos.

Agora, ali no fim do corredor, Piotr podia ver vários soldados de uniforme negro, com a insígnia do raio no colarinho. Alguns tinham ferozes cães alsacianos que esticavam e forçavam as correntes que os prendiam às coleiras. Ele já tinha visto homens como aqueles. Sabia de primeira mão do que eles eram capazes.

Havia outro homem a observá-lo. Usava a mesma insígnia de raio que os outros, mas a sua era maior e se destacava sobre o bolso do peito do jaleco branco. Parou perto de Piotr, alto e autoritário, com os braços às costas, supervisionando todo aquele procedimento, misterioso. Quando ele se virou, Piotr notou que carregava um pequeno chicote de montaria de couro. O cabelo escuro e escorrido do homem agitava-se no alto de sua cabeça, mas era raspado dos lados, no estilo alemão, bons sete ou oito centímetros acima das orelhas.

Observava os meninos através dos óculos de armação preta e assentia ou sacudia a cabeça enquanto seus olhos percorriam a fila. Piotr percebeu que a maioria dos garotos era loura como ele, apenas alguns tinham cabelos escuros.

O homem tinha o ar autoconfiante de um médico, mas para Piotr lembrava mais um fazendeiro examinando seus porcos e se perguntando qual alcançaria o melhor preço no mercado do vilarejo. Ele percebeu que Piotr o estava encarando e expressou com impaciência sua desaprovação através dos lábios finos e apertados, sinalizando para que olhasse para a frente com um rápido movimento semicircular do dedo indicador.

Agora Piotr estava a apenas três lugares da mesa e podia ouvir fragmentos da conversa entre os dois homens.

– Por que trouxeram este aqui? – E então, mais alto, para o me-

nino à sua frente. – Para a direita, rápido, antes que sinta minha bota em seu traseiro.

Piotr se inclinou um pouco para a frente. Pôde ver que a sala à direita dava diretamente em outro corredor com uma porta aberta que dava para fora. Não era de se espantar que houvesse tanta corrente de ar. Além da porta havia um caminhão coberto onde viu jovens rostos tristes e guardas com baionetas nos rifles. Sentiu outro tapa na nuca.

– Olhos para a frente! – berrou um soldado.

Piotr estava tão apavorado que achou que ia se molhar todo.

Sobre a mesa havia um grande fichário de metal. Sobre ele, pintadas em letras negras e grossas em estêncil, havia as palavras:

#### DEPARTAMENTO DE RAÇA E POVOAMENTO

Agora Piotr estava na frente da fila, rezando com força para não ser enviado para a sala da direita. Um dos homens de jaleco branco engomado estava olhando diretamente para ele, então sorriu e virou-se para o companheiro, que estava pegando um aparelho estranho que lembrava um par de pinças compridas. Havia vários desses na mesa. Pareciam instrumentos médicos sinistros, mas seu propósito não era aumentar ou manter abertos orifícios humanos ou incisões cirúrgicas. As pinças tinham marcas com medidas em centímetros ao longo de suas lâminas de metal reluzente.

– Mal precisamos nos dar ao trabalho – disse ele para o companheiro. – Ele é igual àquele menino no cartaz da Hitler-Jugend.

Ajustaram a pinça em suas duas orelhas e tiraram medidas rápidas de seu rosto. O homem indicou com um sorriso que ele devia ir para a sala da esquerda. Piotr entrou depressa nela. À medida que seu medo se acalmava, ele se sentiu tolo por estar ali parado de pé, pelado, agarrado às suas roupas. Não havia soldados ali, só duas enfermeiras, uma robusta e maternal, a outra jovem e pequena. Piotr corou

e ficou vermelho. Viu uma porta onde se lia Herren e entrou correndo por ela.

Livre da dor na bexiga, Piotr se sentiu inebriado de alívio. Não o haviam mandado para a sala da direita e para o caminhão coberto. Ele estava aqui com as enfermeiras. Havia uma mesa com biscoitos, copos e uma jarra de água. Achou um lugar perto da janela e se vestiu apressadamente. Tinha chegado ao orfanato apenas com a roupa do corpo, e aquelas eram as outras que haviam lhe dado. Ele, às vezes, se perguntava a quem teria pertencido aquele pulôver encardido e esperava que seu dono tivesse crescido, não morrido.

Piotr olhou ao redor para os outros meninos que estavam ali com ele. Reconheceu vários rostos, mas não havia ninguém que chamasse de amigo.

Lá fora no corredor, ouviu o arranhar de madeira sobre o chão encerado. Estavam dobrando e guardando a mesa. A seleção terminara. Os últimos poucos garotos se vestiram depressa enquanto a enfermeira mais velha batia palmas para chamar a atenção de todos.

– Crianças – disse ela com um sotaque alemão áspero, tropeçando desajeitadamente nas palavras polonesas. – Um cavalheiro muito importante está aqui para falar com vocês. Quem fala alemão?

Ninguém se apresentou.

– Vamos lá – sorriu ela. – Não fiquem tímidos.

Piotr pôde sentir que aquela mulher não lhe desejava mal algum. Deu um passo à frente e se dirigiu a ela em alemão fluente.

– Ora, você é inteligente – retrucou ela em alemão, passando um braço gorducho em torno do pescoço dele. – Onde aprendeu a falar assim?

– Meus pais, senhora – disse Piotr. – Os dois falam... – Então se deteve e sua voz vacilou. – Os dois falavam alemão.

A enfermeira o abraçou com mais força enquanto ele lutava para segurar as lágrimas.

– Agora me diga, quem é você, *mein Junge*? – perguntou ela.

Entre soluços, ele disse seu nome.

– Componha-se, jovem Piotr – sussurrou ela em alemão. – Herr Doktor não é um homem muito paciente.

O homem alto e de cabelos escuros que Piotr vira antes entrou na sala. Aproximou-se da enfermeira e perguntou a ela qual dos meninos falava alemão.

– Dê-me apenas um instante com este aqui – pediu ela. E se virou para Piotr e disse gentilmente: – Agora enxugue esses olhos. Quero que você diga para as crianças tudo o que Herr Doktor disser.

Ela apertou sua bochecha, e Piotr ficou parado, nervoso, à frente da sala, esperando que o homem começasse a falar.

Ele falou alto e em frases curtas e claras, dando a Piotr tempo para traduzir.

– Meu nome é Doktor Fischer... tenho algo muito especial a lhes dizer... Vocês, meninos, foram escolhidos como candidatos... à honra de serem recuperados pela comunidade nacional alemã... Serão submetidos a mais exames... para determinar seu valor racial... e se são ou não dignos de tal honra... Alguns de vocês vão fracassar, e serão enviados de volta para seu povo.

Fez uma pausa e olhou para todos como se fosse um professor severo.

– Aqueles que forem considerados *Volksdeutsche*, de sangue alemão, serão levados para a mãe-pátria... e serão encontrados para vocês boas famílias e lares alemães.

Piotr sentiu uma vaga excitação, mas, enquanto os outros meninos escutavam, os olhos deles se arregalavam com o choque. A sala ficou em silêncio. Doktor Fischer virou-se sobre os calcanhares e foi embora. Então houve um alvoroço, choros e gritos de raiva. Doktor Fischer voltou imediatamente para a sala e bateu o chicote contra o batente da porta. Havia dois soldados de pé atrás dele.

– Como ousam reagir com tamanha ingratidão? Vocês vão auxiliar minha equipe nesse processo – gritou, e o barulho cessou imedia-

tamente. – E vocês não vão querer estar entre os que serão deixados para trás.

Piotr gritou essas observações finais em polonês. Estava preocupado demais tentando traduzir aquela torrente de palavras para perceber um menino que caminhava decidido e com raiva em sua direção. O menino deu-lhe um soco forte na têmpora e o derrubou no chão.

– Traidor – disse com raiva, enquanto era tirado dali por um soldado.